CASTRO, Rafael Rodrigues de. **Representações de um parque de Belo Horizonte: Um estudo descritivo sob as perspectivas de rastros urbanos e cidade percebida.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.39-54, TRI III 2017. ISSN 1980-7031

REPRESENTAÇÕES DE UM PARQUE DE BELO HORIZONTE: UM ESTUDO DESCRITIVO SOB AS PERSPECTIVAS DE RASTROS URBANOS E CIDADE PERCEBIDA

Rafael Rodrigues de Castro [1]

RESUMO

Este artigo tem como objetivo descrever as representações sobre o Parque Jornalista Eduardo Couri dos residentes do Aglomerado Santa Lúcia e dos residentes dos bairros próximos ao parque, tendo como enfoque as perspectivas de rastros urbanos e cidade percebida (DUARTE, 2008). A pesquisa foi desenvolvida de forma qualitativa, sendo os dados coletados através da coleta documental, entrevistas e desenhos. Os rastros urbanos sobre o parque indicaram uma relação com seus nomes mais conhecidos, "Parque Barragem Santa Lúcia" ou "Barragem Santa Lúcia". Na cidade percebida, evidenciou-se que os moradores dos dois grupos definiram o parque pelas palavras "lazer" ou "saúde". Todavia, em relação ao que representa o parque, apontou-se que os moradores dos bairros próximos ao parque destacaram as relações objetivas, e que os moradores do Aglomerado apontaram as relações subjetivas. Finalmente, os desenhos apresentaram três agrupamentos: 1) local de lazer e pessoas; 2) parque e Aglomerado; 3) referências urbanas.

Palavras-chave: Cidade percebida. Rastros urbanos. Parque. Moradores. Representação.

REPRESENTATIONS OF A PARK OF BELO HORIZONTE: A DESCRIPTIVE STUDY UNDER THE PERSPECTIVES OF URBAN TRAILS AND PERCEIVED CITY

ABSTRACT

This article aims to describe the representations of Park Eduardo Journalist Couri of Particleboard residents Saint Lucia and residents of neighborhoods near the park, with the focus on the prospects of urban trails and city perceived (DUARTE, 2008). The research was conducted in a qualitative way, and the data collected through documentary collection, interviews and drawings. Urban trails of the park indicated a relationship with his best-known names, "Dam Park Santa Lucia" or "Dam Santa Lucia". The perceived city, it became clear that the residents of the two groups defined the park by "leisure" or "health". However, in relation to what is the park, it noted that residents of neighborhoods near the park highlighted the objective relations, and that the residents of Particleboard pointed the subjective relations. Finally, the designs presented three groups: 1) leisure and local people; 2) park and agglomerate; 3) urban references.

Keywords: City perceived; Urban trails; Park; Residents; Representation.

[1] Graduado em Administração pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte (FACISA BH). Pós-Graduação *Latu Sensu* em andamento em Ética pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), e Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Endereço: Beco Alvorada, 17 – CEP: 30335-420, Belo Horizonte, MG, Brasil.
rafaelcastro19@gmail.com.

CASTRO, Rafael Rodrigues de. **Representações de um parque de Belo Horizonte: Um estudo descritivo sob as perspectivas de rastros urbanos e cidade percebida.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.39-54, TRI III 2017. ISSN 1980-7031

1 INTRODUÇÃO

Duarte (2008) destaca que para analisar as vivências urbanas de seus habitantes, torna-se importante a compreensão da diferença dos conceitos de cidade e urbano, uma vez que a partir de tal estão alguns pontos ricos a serem explorados. Assim, a cidade é um "objeto definido e definitivo", enquanto o urbano é ao mesmo tempo "a síntese teórica das questões que marcam a sociedade contemporânea e uma "virtualidade iluminadora"." (LEFÈBVRE, 1999, p. 19). Percebe-se que para ler o urbano na cidade, precisa-se considerar não apenas as representações legíveis e usuais da cidade, mas também a dinâmica urbana.

Com base na pesquisa feita por Kevin Lynch[2] no final de 1950, algumas análises vêm sendo feitas no Brasil sobre representações de usuários da paisagem urbana de uma região da cidade (LYNCH, 1999). Contudo, segundo Duarte (2008, p. 175), os elementos detectados por Lynch "não são dados *a priori*, e sim resultantes da vivência urbana.". Por outro lado, o mesmo autor propõem três conceitos operacionais para mapear a cidade não a partir de referências físicas, mas de suas vivências, que são:

> a *cidade percebida*, em que o foco é entender a cidade não pelo que ela se apresenta a nós, mas as representações que dela fazem seus habitantes; os *rastros urbanos*, os quais, por mínimos indícios, resgatamos as diversas vivências urbanas que se sobrepuseram e que ainda ecoam na cidade em que vivemos atualmente; e a *cidade comunicada*, na qual verificamos a interdependência existente na vivência urbana e suas representações do espaço urbano construído e o espaço simbólico inserido na cidade pelos meios de comunicação (*sic*). (DUARTE, 2008, p. 173).

O presente artigo tem como objetivo descrever as representações sobre o Parque Jornalista Eduardo Couri dos residentes do Aglomerado Santa Lúcia e dos residentes dos bairros próximos ao parque. Para tal, adotou-se a perspectiva da cidade percebida. Também foi abordada a perspectiva rastros urbanos, tendo em vista que para compreensão do que hoje alimenta a vivência, a percepção e a representação da cidade, considera-se importante entender como a cidade está presente no imaginário urbano por características históricas que vão se sedimentando nela (DUARTE, 2006).

[2] Kevin Lynch fez uma das pesquisas pioneiras sobre a leitura do espaço urbano pelos cidadãos e sua sistematização conceitual e metodológica, detectou, a partir das entrevistas e desenhos de seus entrevistados, os elementos preponderantes e reincidentes que poderiam ser considerados como estruturais da imagem coletiva das cidades pesquisadas, os quais são: vias, barreiras, regiões, cruzamentos e marcos referenciais (LYNCH, 1999).

Esse trabalho se divide em cinco partes. Além dessa introdução, no tópico seguinte se delineia a metodologia utilizada no estudo. Em seguida, apresenta-se os rastros urbanos do Parque Jornalista Eduardo Couri. Depois, com base na perspectiva da cidade percebida, descreve-se como o parque é representado pelos moradores do Aglomerado e dos bairros próximos. Finalmente, são elaboradas algumas considerações finais.

2 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho foi adotada uma estratégia qualitativa de pesquisa, que conforme descrito por Richardson (1999), os estudos que empregam esta abordagem podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

No que tange ao tipo de pesquisa aplicou-se a descritiva, pois esta "visa descrever o fenômeno estudado ou as características de um grupo, bem como compreender as relações entre conceitos envolvidos no fenômeno em questão" (ACEVEDO; NOHARA, 2004, p. 51).

No processo de coleta de dados foi utilizada a coleta documental para os "rastros urbanos", que conforme descrito por Gil (2008), provêm de documentos como, arquivos históricos, registros estatísticos, diários, biografias, jornais, revistas etc. Por outro lado, para "cidade percebida" foram utilizadas a entrevista por pautas e o desenho/croquis. A entrevista por pautas apresenta certo grau de estruturação, pois segue uma relação de pontos de interesse do entrevistador. O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente, mas caso ele se afasta da pauta, o entrevistador intervém de maneira sutil, para preservar a espontaneidade (GIL, 2008, p. 53). Por sua vez, segundo Silva (2003, p. 29), o desenho/croquis guardam "os limites evocativos e metafóricos, aqueles de um território que não admite pontos precisos de corte, por sua expressão de sentimentos coletivos ou de profunda subjetividade social".

Os dados foram coletados junto aos residentes do Aglomerado Santa Lúcia e dos residentes dos bairros próximos ao parque, maiores de 18 anos, no período da manhã e da noite. A escolha por diferentes períodos deve-se a observação de que pela manhã há uma porcentagem maior de

moradores dos bairros próximos ao parque, e a noite há uma porcentagem maior de moradores do Aglomerado.

3 RASTROS URBANOS DO PARQUE JORNALISTA EDUARDO COURI

A partir da compreensão de que a cidade concretiza-se por meio de processos urbanos que se acumulam, sobrepõem-se, apagam-se e transformam-se no tempo, abordaremos neste tópico alguns fragmentos da história do Parque Jornalista Eduardo Couri, também conhecido como Barragem Santa Lúcia[3], localizado na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais (Figura 1), que nos revelam a transformação concreta de objetos ao longo do tempo, outros, a influência de um plano diretor ou projeto urbanístico específico, outros, a transformação cultural no modo de se tratar a cidade e os processos urbanos (DUARTE, 2006, p. 109).

Figura 1 – Localização do Parque Jornalista Eduardo Couri em Belo Horizonte

Fonte: Google Maps (2016)

[3] "O nome Barragem Santa Lúcia pode ser explicado a partir de dois aspectos diretamente relacionados à comunidade. O primeiro de natureza geográfica, que foi a formação de uma barragem através do represamento do Córrego Leitão. O segundo, por influência religiosa, dado que a primeira capela construída recebeu o nome de Santa Lúcia, em homenagem a santa de devoção católica, religião predominante entre os moradores na época." (GOMES, 2011, p. 33).

Na Figura 2, apresentamos os bairros próximos ao Parque Jornalista Eduardo Couri, os quais são: Aglomerado Santa Lúcia[4], constituído por cinco vilas: Vila Estrela, Vila Santa Rita de Cássia (conhecida como Morro do Papagaio), Vila Barragem Santa Lúcia, Vila Esperança (conhecida como Bicão) e Vila São Bento (conhecida como Carrapato) (STARLING, 2015); Santo Antônio; Coração de Jesus; Luxemburgo; Vila Paris; São Bento; e, Santa Lúcia.

Figura 2 – Bairros próximos ao Parque Jornalista Eduardo Couri

Fonte: Google Maps (2016)

Segundo Duarte (2006, p. 107), a perspectiva de rastros urbanos evidencia que:

> A cidade é formada por uma sobreposição de camadas de outras cidades que existiram antes – ou melhor, a mesma cidade que se sobrepõe a si mesma, ao mesmo tempo reafirmando-se como única e distinguindo-se de si própria. A alma da cidade encontra-se na sobreposição de vivências urbanas que formam a cidade cotidianamente. Parte dessas camadas é apagada pelas vivências que a sucedem; mas uma outra parte resta como seu testemunho. A busca de indícios dessas vivências tem menos a intenção de reconstituir o passado e mais a de entender como a cidade em que vivemos hoje é o que é, em duas vertentes principais de análise: a) em que medida e de que modo a cidade de ontem

[4] Há uma pequena aglomeração apelidada informalmente de Greenville, na parte mais baixa da Vila Esperança, apesar de não ser reconhecida expressamente pela administração pública (LAGES, 2015; STARLING, 2015, p. 50).

> determina a cidade de hoje; e b) quais indícios da cidade de ontem podem direcionar ações sobre as vivências urbanas atuais.

Assim, busca-se indícios na concretude da cidade que indique usos e vivências anteriores de uma região e que atualmente, alimentam a vivência, a percepção e a representação da cidade. A Figura 3 nos remete a tal compreensão.

Figura 3 – Vista panorâmica do Parque Jornalista Eduardo Couri em 2010

Fonte: Nitro Imagens (2010)

Os rastros de transformação urbanística do atual Parque Jornalista Eduardo Couri teve sua origem nos meados da década de 50 através da construção de uma barragem com objetivo de controlar as cheias as margens do Córrego do Leitão durante o período chuvoso, que atingia os bairros de Lourdes, Santo Antônio e Cidade Jardim. O córrego Leitão, juntamente com os Córregos da Serra e o Acaba Mundo são os três principais cursos d'água que atravessam a área central de Belo Horizonte. Atualmente os seus cursos d'água correm em canais revestidos sob diversas ruas e avenidas sendo praticamente impossível identificar o seu traçado atual, visto que a sua calha original não existe mais devido à retificação do seu curso (BORSAGLI, 2011; SOARES, 2001).

A execução da obra da barragem consistia na formação de um maciço de terra compactada para represar o volume de água da microbacia do córrego do Leitão, retendo o fluxo e controlando a vazão do córrego à jusante da barragem (SOARES, 2001), conforme Figura 4.

Figura 4 – Vista panorâmica da barragem em 1960

Fonte: APCBH

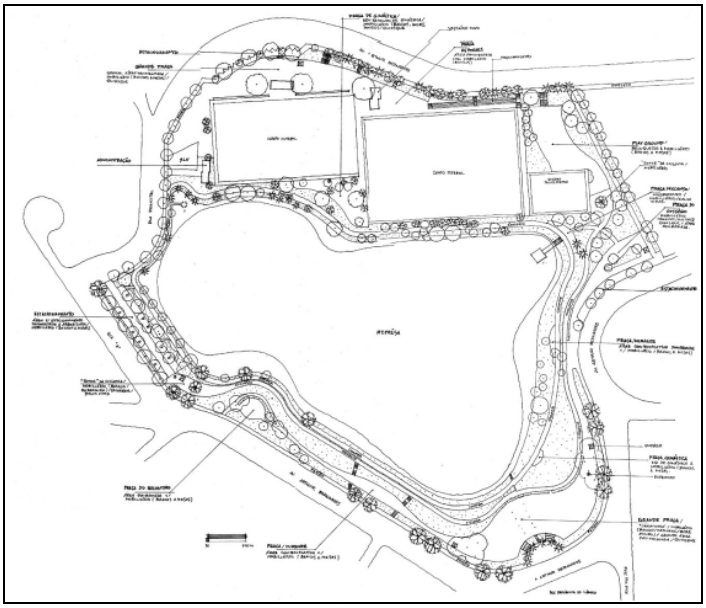
A partir de 1954 iniciou-se uma intensa urbanização de toda área em torno da barragem com a implantação dos bairros Santa Lúcia e São Bento, e da Vila Santa Lúcia, ocasionando o assoreamento do lago com os serviços de escavação e terraplanagem, deixando de ser utilizado para o seu objetivo. Com o início do fechamento do Córrego Leitão na área central de Belo Horizonte e bairro Lourdes, no final de 1960, e, posteriormente, em 1970, com a canalização e fechamento do mesmo na zona suburbana para abertura da Avenida Prudente de Moraes (Figura 5), a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH), em 1978, elaborou um projeto de controle do assoreamento da bacia de acúmulo da barragem, o qual não foi bem sucedido devido ao processo de continuidade da urbanização e que perduram até os dias atuais (BORSAGLI, 2011; SOARES, 2001).

Figura 5 – Canalização do Córrego Leitão na Avenida Prudente de Moraes em 1970

Fonte: APCBH

Com as reincidências de enchentes na Avenida Prudente de Moraes, a administração solicitou um estudo para reintegrar a barragem no sistema de drenagem das microbacias. O projeto propôs a instalação de um dispositivo que funciona como uma bóia no reservatório da barragem, controlando, de forma natural, a vazão das águas por ela represadas, buscando solucionar os problemas das inundações. O projeto também previu a canalização de todos os córregos que passassem na área de acumulação da bacia e a construção de um parque ao redor do lago que seria gerado. Assim, por meio do Decreto nº 6.544, de 5 de junho de 1990, a PBH determinou a criação do parque que possui uma área de 98 mil metros quadrados, com pista de *cooper* (extensão de 830 metros), ciclovias, campos e quadra de futebol, *playground* e espaços de convivência (SOARES, 2001), como mostra a Figura 6.

Figura 6 – Croqui do projeto Parque Santa Lúcia, implantado pela PBH



Fonte: Regional Administrativa Centro-Sul – PBH (1996)

Após a implantação do parque em 1996, a PBH por meio da Lei nº 7.415, de 04 de dezembro de 1997, deu nome ao parque de Jornalista Eduardo Couri[5] (BELO HORIZONTE, 1997). Destaca-se que apesar da oficialização de um nome ao parque, ele ainda é conhecido "Parque da Barragem Santa Lúcia" ou "Barragem Santa Lúcia". Ao longo dos anos, a administração pública tem feito algumas ações no parque como, plantio de novas mudas de árvores, desassoreamento da

[5] O jornalista Eduardo Couri nasceu em Belo Horizonte, em 16 de setembro de 1935, e faleceu na cidade de Miami, nos Estados Unidos, em 1º de junho de 1996. Iniciou a sua carreira jornalística aos 16 anos, escrevendo para pequenas revistas e jornais da capital. Em 1961, passou a escrever duas crônicas diárias para os jornais Estado de Minas e Diário de Minas. Para homenagear o jornalista, em 1997, uma lei municipal deu nome ao parque.

lagoa, instalação de novos brinquedos, equipamentos de ginástica (Programa Academia a Céu Aberto), bebedouros, lixeiras, banheiros públicos e rampas de acessibilidade, dentre outros.

Em 2013, através da Portaria nº 0023/2013, a PBH evidenciou que o parque estava entre o grupo daqueles de acesso livre destinados ao lazer (BELO HORIZONTE, 2013). Contudo, recentemente, a PBH por meio da PBH Ativos S.A., publicou o PMI nº 02/2015, com objetivo de "obtenção de estudos, levantamentos, dados técnicos, e demais insumos necessários à estruturação de projeto de CONCESSÃO COMUM ou CONCESSÃO ADMINISTRATIVA (PPP) para urbanização, requalificação, manutenção, operação e exploração do Parque da Barragem Santa Lúcia (*sic*)." (BELO HORIZONTE, 2015). De acordo com Santos (2015, s.p.), a proposta de construção do "Novo Parque da Barragem Santa Lúcia [...] partiu de um grupo de frequentadores, caminhantes na pista da orla do lago.". O mesmo também afirma que esse grupo constitui a Associação de Amigos, Frequentadores e Usuários do Parque da Barragem Santa Lúcia, a qual convidou o arquiteto Gustavo Penna para elaborar o projeto e que obtive o apoio das associações dos oito bairros circunvizinhos do parque: Santa Lúcia, São Bento, Vila Paris, Luxemburgo, Coração de Jesus, Cidade Jardim, Santo Antônio e Aglomerado Santa Lúcia.

4 CIDADE PERCEBIDA E O PARQUE JORNALISTA EDUARDO COURI

A cidade não é o que ela é apenas pela sua concretude. Ela é também pelo que dizem sobre ela. Nessa perspectiva, há uma relação de interdependência entre o espaço urbano construído e o espaço simbólico. Assim, a cidade é tanto a sobreposição irregular das cidades que estiveram antes dela quanto a justaposição das vivências urbanas de seus habitantes e de seus usuários (DUARTE, 2006).

A perspectiva da cidade percebida "procura reter, daqueles que vivem uma região, alguns indícios do que absorvem da cidade e projetam sobre ela, e que determinam como ela é percebida." (DUARTE, 2006, p. 107). Nota-se que a cidade é percebida pelas pessoas por seus estímulos de elementos urbanos e também por estímulos (imagens, desejos) que sobre ela projetam. E essa percepção urbana, direcionará as vivências e a ideia que se tem de uma região.

Percebe-se que esses espaços apropriados por pessoas ou grupos pela identificação afetiva ou cultural são denominados lugares na cidade (DUARTE, 2006). Segundo Santos (2006), "lugar" é a base da vida em comum, reunindo referências pragmáticas com solicitações de ações

condicionadas, sendo também "o teatro das paixões humanas", responsável pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. Augé (2004) classifica lugar como, "identitário", pois representa para as pessoas que o ocupam um conjunto de possibilidades, prescrições e proibições; "relacional", porque se trata de um espaço existencial e experiencial; e "histórico", pois se trata de "lugares de memória" com forte conteúdo simbólico, nos quais os indivíduos não fazem história, mas vivem na história, criando um "social orgânico".

Dessa feita, a entrevista, realizada durante o mês de maio, teve foco em como o Parque Jornalista Eduardo Couri é representado pelas pessoas que o vivem. Os entrevistados, um total de 12 moradores, corresponde a oito do Aglomerado, sendo quatro pela manhã e quatro a noite, e quatro dos bairros próximos ao parque, sendo três pela manhã e um a noite.

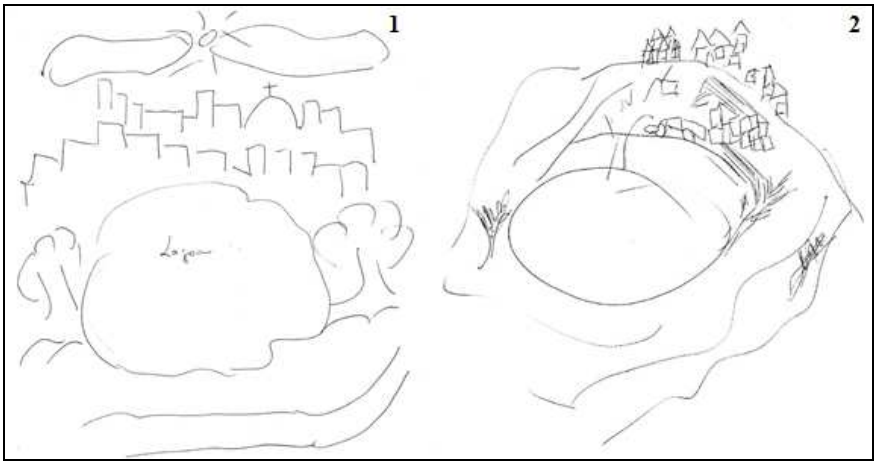
Primeiramente buscou-se saber a palavra que definiria aquele lugar (Parque Jornalista Eduardo Couri). Entre os moradores do Aglomerado, tanto de manhã quanto a noite, as palavras "lazer", "saúde" e "belo" foram citadas com a mesma frequência, 25% cada. Apenas uma pessoa respondeu a palavra "nada". Em contrapartida, entre os moradores dos bairros próximos ao parque, tanto de manhã quanto a noite, "lazer" foi a mais citada, com 50%, e "saúde" e "caminhada", com 25% cada.

Após foi perguntado o que aquele lugar representava. Na fala dos moradores do Aglomerado, tanto de manhã quanto a noite, os relatos mais recorrentes foram que o lugar representa: momentos de lazer e prática de atividades físicas; uma relação com história de vida, pois sempre frequentou o lugar; uma conquista da comunidade. Mas apontamento mais comum foi que o lugar representa a possibilidade do (re)encontro entre as pessoas. Apenas uma pessoa disse que praticamente não frequenta o lugar. Os moradores dos bairros próximos ao parque, tanto de manhã quanto a noite, em maior porcentagem, relataram que o lugar representa momentos de lazer e prática de atividades físicas. Por sua vez, uma pessoa falou que no lugar há uma divisão social "gritante", pois pela manhã pessoas com maior poder aquisitivo frequentam o lugar e a noite são os trabalhadores do Aglomerado. Finalmente, buscou-se identificar como o lugar é representado através dos desenhos feitos pelos entrevistados. Para tanto, os 12 desenhos foram agrupados em categorias a partir de suas características gráficas.

4.1 PARQUE E AGLOMERADO

Os dois exemplos abaixo são do conjunto de três desenhos (um foi feito por morador dos bairros próximos ao parque e dois foram por moradores do Aglomerado) que mostram uma proximidade associativa entre o parque com o Aglomerado (Figura 7). Notou-se também nos três desenhos que entre eles não há uma linha ou um espaço que os separe.

Figura 7 – Desenhos (primeiro de um morador dos bairros próximos e o segundo de um morador do Aglomerado)

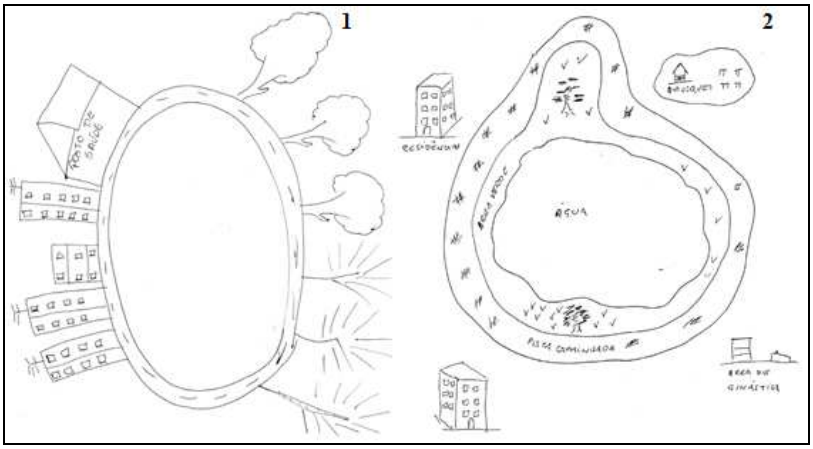


Fonte: Dados da pesquisa (2016)

4.2 REFERÊNCIA URBANA

Foram agrupados nesta categoria três desenhos (dois foram feitos por moradores dos bairros próximos e um por morador do Aglomerado) que além de apresentar o parque com o quiosque e equipamentos de ginástica, destacam algumas referências urbanas como, conjunto de edifícios e o posto de saúde (Figura 8).

Figura 8 – Desenhos (primeiro de um morador do Aglomerado e o segundo de um morador dos bairros próximos)

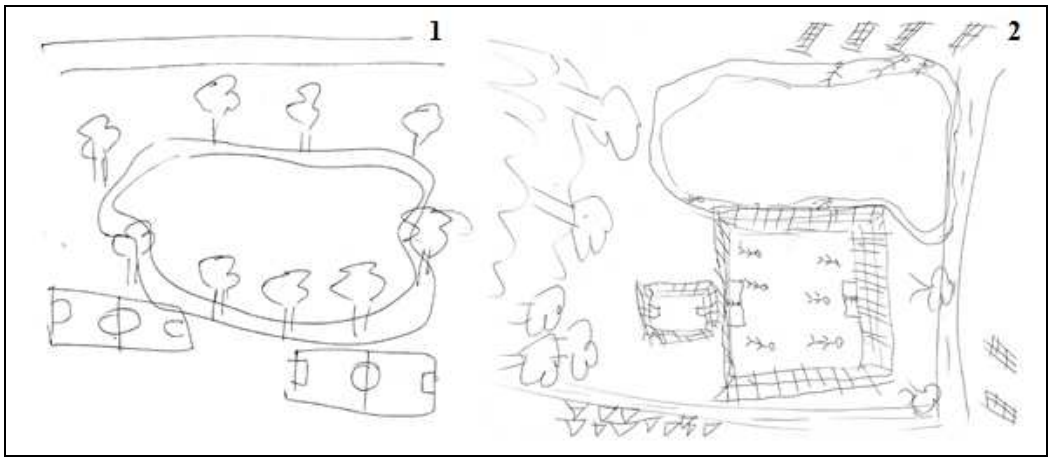


Fonte: Dados da pesquisa (2016)

4.3 LOCAL DE LAZER E PESSOAS

Por fim os outros seis desenhos (um foi feito por morador dos bairros próximos e cinco foram por moradores do Aglomerado), 50% do total, destacam os locais de lazer do parque como, campo e quadro de futebol, pista de *cooper*, local para prática de *slackline*, local onde as pessoas conversam e o quiosque (Figura 9). Ressalta-se que em quatro desenhos dos moradores do Aglomerado constatou-se também a presença de pessoas nos diversos locais.

Figura 9 – Desenhos (primeiro de um morador dos bairros próximos e o segundo de um morador do Aglomerado)



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do espaço urbano não a partir de referências físicas, mas da percepção das vivências de seus habitantes foi proposto por Duarte (2008), com base em três: cidade percebida, rastros urbanos e cidade comunicada. O presente artigo teve como objetivo descrever as representações sobre o Parque Jornalista Eduardo Couri dos residentes do Aglomerado Santa Lúcia e dos residentes dos bairros próximos ao parque. Para tanto, deu-se enfoque as perspectivas de cidade percebida e rastros urbanos. A estratégia metodológica foi a pesquisa qualitativa, e a coleta de dados ocorreu através da coleta documental para rastros urbanos, e entrevistas e desenhos para cidade percebida. Foram entrevistados 12 moradores, os quais também fizeram os desenhos.

Observou-se por meio da perspectiva de rastros urbanos que o parque teve sua origem na construção de uma barragem, devido os processos urbanísticos de formação de avenidas e bairros na região Centro-Sul de Belo Horizonte. Outrossim, verificou-se uma relação entre a primeira

construção, a barragem, e os nomes mais conhecidos do parque, "Parque Barragem Santa Lúcia" ou "Barragem Santa Lúcia". Por fim, percebeu-se também, que o parque foi construído para lazer e com acesso livre, entretanto, com uma possível parceria público-privada, pergunta-se: O parque continuaria sendo um lugar de livre acesso a todos? O acesso ao parque será pago? Continuaria sendo realmente um lugar de lazer? O acesso aos locais de lazer será pago?

Por sua vez, através da perspectiva cidade percebida, constatou-se, com base nas entrevistas, que tanto os moradores do Aglomerado quanto os dos bairros próximos ao parque, disseram que a palavra que define o parque são "lazer" e "saúde". Entretanto, em relação ao que o parque representa, verificou-se uma diferença, pois os residentes dos bairros próximos ao parque destacaram as relações objetivas (os momentos de lazer e prática de atividades físicas). Por outro lado, os do Aglomerado, apontaram as relações subjetivas (possibilidade do (re)encontro entre as pessoas).

Por fim, identificou-se, com base nos desenhos, três agrupamentos por similaridades: 1) a maior porcentagem deles (50%), destacam os locais de lazer do parque, mas os que foram feitos por moradores do Aglomerado tem a presença de pessoas; 2) os que mostram o parque e o Aglomerado em sua maioria foram feitos por moradores do Aglomerado (25%); 3) os que destacam referências urbanas em sua maioria foram feitos por moradores dos bairros próximos ao parque (25%).

Novos estudos poderiam ser realizados sobre o parque considerando a perspectiva cidade comunicada em contraste com cidade percebida e/ou mídias ninjas. Seria interessante também serem feitas pesquisas sobre a possível parceria público-privado do parque para verificar se realmente a população está ciente e o que pensam sobre isso, e, principalmente, analisando sua relação com o conceito de *city marketing* e/ou com o processo de gentrificação.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Cláudia Rosa; NOHARA, Jouliana Jordan. **Monografia no curso de administração**: guia completo de conteúdo e forma: inclui normas atualizadas da ABNT, TCC, TGI, trabalhos de estágio, MBA, dissertações, teses. São Paulo: Atlas, 2004.

Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – APCBH. Acervo Comissão Construtora da Nova Capital.

AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2004.

BELO HORIZONTE (Município). Aviso de Procedimento de Manifestação de Interesse - PMI n. 02, 20 de outubro de 2015. Objeto: obtenção de estudos, levantamentos, dados técnicos, e demais insumos necessários à estruturação de projeto de CONCESSÃO COMUM ou CONCESSÃO ADMINISTRATIVA (PPP) para urbanização, requalificação, manutenção, operação e exploração do PARQUE DA BARRAGEM SANTA LÚCIA. **Diário Oficial do Município (*on-line*)**, Poder Executivo, Belo Horizonte, MG, 21 out. 2015. Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1151592>. Acesso em: 24 maio 2016.

BELO HORIZONTE (Município). *Lei n. 7.166*, de 27 de agosto de 1996. Estabelece normas e condições para parcelamento, ocupação e uso do solo urbano no município. **Diário Oficial do Município (*on-line*)**, Poder Executivo, Belo Horizonte, MG, 27 ago. 1996. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/files.do?evento=download&urlArqPlc=Lei_7166-96_LPOUS_consolidada.pdf>. Acesso em: 24 maio 2016.

BELO HORIZONTE (Município). *Lei n. 7.*415, de 04 de dezembro de 1997. Dá o nome de Jornalista Eduardo Couri ao parque implantado na área da Barragem Santa Lúcia. **Diário Oficial do Município (*on-line*)**, Poder Executivo, Belo Horizonte, MG, 5 dez. 1997. Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1016918>. Acesso em: 24 maio 2016.

BELO HORIZONTE (Município). Portaria n. 0023, 30 de julho de 2013. Dispõe sobre normas de conduta e regras de utilização pública dos parques administrados pela Fundação de Parques Municipais. **Diário Oficial do Município (*on-line*)**, Poder Executivo, Belo Horizonte, MG, 2 ago. 2013. Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1104624>. Acesso em: 24 maio 2016.

BORSAGLI, Alessandro. O Vale do Córrego do Leitão em Belo Horizonte: Contribuições da cartografia para a compreensão da sua ocupação. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 1., 2009, Paraty. **Anais...** Paraty: UFMG, 2011, p. 1-17. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/BORSAGLI_ALESSANDRO.pdf>. Acesso em: 24 maio 2016.

DUARTE, Fábio. Cidade, modos de usar: um ensaio sobre leitura. **Paisagem e Ambiente**: ensaios. São Paulo: FAUUSP, n. 25, p. 173-183, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/105988>. Acesso em: 24 maio 2016.

DUARTE, Fábio. Rastros de um rio urbano – cidade comunicada, cidade percebida. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo: ANPPAS, v. 9, n. 2, p. 105-122, jul./dez., 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Juvenal Lima. **Condições de vida do passado, conquistas do presente**: a luta das associações comunitárias do Aglomerado Santa Lúcia por cidadania. 2011. 94 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011. Disponível em: <http://www.programabolsa.org.br/pbolsa/pbolsaTeseFicha/arquivos/tese_juvenal_lima_gomes.pdf>. Acesso em: 24 maio 2016.

CASTRO, Rafael Rodrigues de. **Representações de um parque de Belo Horizonte: Um estudo descritivo sob as perspectivas de rastros urbanos e cidade percebida.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.39-54, TRI III 2017. ISSN 1980-7031

GOOGLE MAPS. *Site* oficial do *Google Maps*, que apresenta um mapa *online* do mundo e possibilita obter instruções de rotas, de como ir de um lugar para o outro, e caminhar ao redor das cidades. 2016. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em: 24 maio 2016.

LAGES, Luiza Bastos. **Direito fundamental a moradia adequada**: novos olhares sobre os impactos e efeitos das políticas públicas de assentamentos e reassentamentos em aglomerados urbanos de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Programa Cidade e Alteridade, 2015. Disponível em: <http://cimos.blog.br/wp-content/uploads/2013/06/relatorio_assentamentos_reassentamentos.pdf>. Acesso em: 24 maio 2016.

LEFÈBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

LYNCH, Kevin. **Imagem da cidade**. São Paulo: Edições 70, 1999.

NITRO IMAGENS. *Site* oficial da agência de fotografia Nitro, que apresenta coleção de fotos do Brasil em aspectos sociais, culturais e naturais. 2010. Disponível em: <http://nitroimagens.photoshelter.com/image/I0000AJRBtm1W2HU>. Acesso em: 24 maio 2016.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Eustáquio Augusto. **Saiba como será o Novo Parque da Barragem Santa Lúcia**. Belo Horizonte: *Blog* Parquedabarragem, 2015. Disponível em: <http://parquedabarragem.blogspot.com.br/search?q=barragem+santa+l%C3%Bacia>. Acesso em: 24 maio 2016.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2006.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SOARES, Márcia Maria. **Da Barragem ao Parque Santa Lúcia**: um estudo da transformação da paisagem urbana. 2001. 124 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Centro Tecnológico do Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/79715>. Acesso em: 24 maio 2016.

STARLING, Paula Miller. **O risco geológico como justificativa para remoções forçadas no Aglomerado Santa Lúcia e na Vila Bandeirantes em Belo Horizonte**. 2015. 132 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-A3XH2N/disserta__o_paula_miller_starling.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 maio 2016.